

Capítulo VI

HISTÓRIAS DA LAMA: NARRATIVAS DE UM FENÔMENO COSTEIRO NA PRAIA DO CASSINO (RIO GRANDE/RS)





HISTÓRIAS DA LAMA: NARRATIVAS DE UM FENÔMENO COSTEIRO NA PRAIA DO CASSINO (RIO GRANDE/RS)

Felipe Nóbrega Ferreira¹; José Vicente de Freitas²; Rachel Hidalgo Munhoz³;
Gabriel Ferreira da Silva⁴; Ramon Ribeiro Lucas⁵

¹Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Universidade Federal de Rio Grande, Avenida Itália, km 8, Rio Grande, Rio Grande do Sul, CEP 96201-900, ffnobregaea@gmail.com (autor correspondente)

²Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Universidade Federal de Rio Grande, Avenida Itália, km 8, Rio Grande, Rio Grande do Sul, CEP 96201-900, jvfreitas45@gmail.com

^{3,4}Mestra(e) pela Universidade Federal de Rio Grande, Avenida Itália, km 8, Rio Grande, Rio Grande do Sul, CEP 96201-900, rachelhidalgomz@gmail.com; gabriel.ferreira.ea@gmail.com

⁵Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Rio Grande, Avenida Itália, km 8, Rio Grande, Rio Grande do Sul, CEP 96201-900, ramon.rlucas019@gmail.com

RESUMO

Presente de forma periódica na praia do Cassino, o aparecimento de significativas cargas sedimentares compostas de silte e argila na zona de banhos transforma a paisagem litorânea, gerando debates públicos sobre suas origens e impactos socioambientais na costa da cidade do Rio Grande/RS. Fato ambiental constituído, essa investigação se debruça em uma questão central a ser desenvolvida ao longo do texto: de que forma a presença histórica de uma alta carga de sedimento lamítico interage e transforma a paisagem costeira em suas práticas ecossistêmicas? De forma a responder tal questionamento será elaborado um percurso teórico à luz da interdisciplinaridade sugerida pelo campo da Educação Ambiental, ao qual se soma uma abordagem metodológica de cunho qualitativo através do recurso da História Oral em seu caráter semi-estruturado. A partir de sete entrevistas, as quais abarcam atores sociais envolvidos com o tema desde a década de 1950, será possível elaborar um cenário interpretativo capaz de compreender o sedimento lamítico inserido junto à constituição histórica de um litoral e sua praia. Nesse percurso será possível conceber, através das narrações, uma nova síntese interpretativa desse fenômeno no âmbito de uma perspectiva ecossistêmica. Por fim, o intuito é contribuir ao debate sobre os eventos de lama no litoral do Rio Grande do Sul no contexto de uma epistemologia interdisciplinar, alicerçada nas premissas de um saber ambiental que possa dialogar com essa e outras comunidades costeiras que interagem com fenômenos semelhantes.

Palavras-chave: Sedimentos; Litoral; História Oral; Praia do Cassino

ABSTRACT

Periodically present on Cassino beach, the appearance of significant sedimentary loads composed of silt and clay in the bathing area transforms the coastal landscape, generating public debates about its origins and socio-environmental impacts on the coast of the city of Rio Grande/RS. A

constituted environmental fact, this investigation focuses on a central question to be developed throughout the text: how does the historical presence of a high load of mud sediment interact and transform the coastal landscape in its ecosystemic practices? In order to answer this question, a theoretical course will be elaborated in the light of the interdisciplinarity suggested by the field of Environmental Education, to which a methodological approach of a qualitative nature is added through the resource of Oral History in its semi-structured character. From seven interviews, which include social actors involved with the theme since the 1950s, it will be possible to elaborate an interpretative scenario capable of understanding the mud sediment inserted together with the historical constitution of a coastline and its beach. Along the way, it will be possible to conceive, through the narrations, a new interpretative synthesis of this phenomenon within the scope of an ecosystemic perspective. Finally, the aim is to contribute to the debate about mud events on the coast of Rio Grande do Sul in the context of an interdisciplinary epistemology, based on the premises of an environmental knowledge that can dialogue with this and other coastal communities that interact with similar phenomena.

Keywords: Sediments; Coast; Oral History; Cassino beach

INTRODUÇÃO

Este artigo inicia em uma palestra realizada no contexto da Rede Braspor, em novembro de 2022. Durante a apresentação, foram discutidos os impactos históricos da chegada de uma grande carga de sedimentos à linha de costa da praia do Cassino, localizada em Rio Grande/RS. Após a fala, uma das participantes da plateia observou uma foto (Figura 1) que fazia parte da apresentação e afirmou: "Mas o que você tem contra a lama? O sedimento faz parte das praias, eu trabalho com ele, ora pois?" Foi nesse momento exato que o presente texto começou sua trajetória.



Figura 1. Paisagem lamítica na praia do Cassino. Fonte: Acervo dos autores.

A presença de uma camada de lama formada por silte, argila e fragmentos de concha tornou-se recorrente no litoral sul do Brasil, especificamente no trecho que compreende o uso para banhos de mar na localidade do Balneário Cassino (Figura 2). A interação com esse fenômeno ocorre desde 1901, quando são encontrados os primeiros registros de lama na beira-mar.

É por esse ponto de vista, de fenômeno pertencente à condição costeira local, que o texto a seguir percorre a sua questão central: de que forma a presença histórica de uma alta carga de sedimento lamítico interage e transforma a paisagem costeira em suas práticas ecossistêmicas?

Para realizar tal tarefa adotamos um ponto de vista teórico-metodológico calcado nos pressupostos defendidos por Carson (2010a; 2010b) e Ingold (2015), quando sugerem uma reorientação das perspectivas socioambientais na interpretação da relação natureza e cultura. O que será reforçado por Carvalho (2002) e a sua inserção das sensibilidades ambientais a serem investigadas, e também por Cabral (2014).

Será através da análise de sete entrevistas que versam sobre o fenômeno da lama na praia do Cassino que iremos recompor essa trama litorânea. Para tal, utilizamos como recurso a História Oral proposta por (ALBERTI, 1989; THIOLENT, 2011), entendendo ela como método capaz de coletar e interpretar os impactos objetivos e subjetivos desses eventos que reconfiguram a

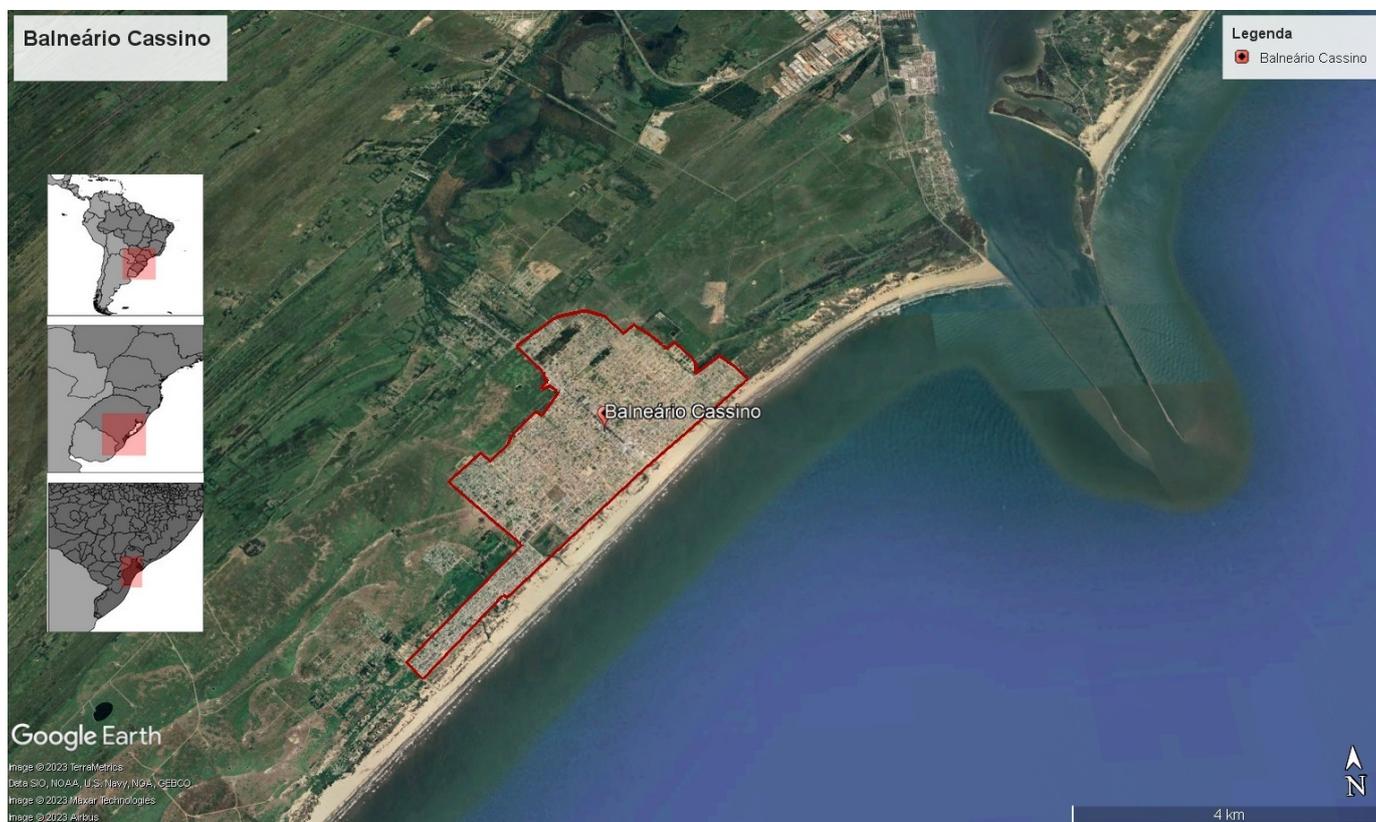


Figura 2. Localização do Balneário Cassino e cidade do Rio Grande/RS. Fonte: Montagem dos autores, modificado do Google Earth

¹Vide Ferreira (2021).

experiência histórico-costeira na localidade em tela. Vale ressaltar que a pesquisa abrange da década de 1950 até o ano de 2018, compreendendo os marcos de memória dos sujeitos entrevistados.

O contexto em que esses depoimentos foram coletados diz respeito à produção de uma tese sobre a presença da lama na praia do Cassino¹, no qual parte fundamental para compreender o fenômeno em suas múltiplas interações era ouvir os sujeitos que pudessem rememorar tais situações, e suas diferentes agências nesse momento. Agora essas falas estão aqui, contando mais uma vez essa história da lama, que na verdade, é a história ambiental de uma comunidade costeira.

UMA PROPOSIÇÃO TEÓRICA

O primeiro ponto a ser destacado é a necessidade de uma reorientação quanto a forma de interpretar o “vazio”. E aqui estamos dialogando diretamente com a obra de Alain Corbin (1989), quando intitula de “O território do vazio – a praia e o imaginário ocidental/Le territoire du vide: L’Occident et le désir du rivage (1750-1840)” o texto que se tornaria clássico para o desenvolvimento de pesquisas costeiras.

Corbin (1989), como sabemos, se debruça sobre esse desejo de praia, o qual se traduz através da manifestação humana no interior desse território de diversas formas ao longo do tempo, especificamente, no continente europeu. A sua proposição de “invenção da praia” contempla o horizonte da Cultura, quando a partir da segunda metade do século XIX se estabelece, para o autor, uma “fruição do lugar” eminentemente moderna, e baseada na perspectiva da vilegiatura (CORBIN, 1989, p. 266).

O mesmo ocorre em suas considerações anteriores, quando ocupa esse “vazio” com outras formas de manifestações humanas dando sentido ao território. Assim estamos diante de um exercício humano contínuo, em que cada grupo que se estabelece nesse lugar o transforma de acordo com as suas práticas e experiências próprias no tempo e espaço.

Mas e se avançássemos nesses termos por um outro caminho? Nesse caso, compreendendo que esse “vazio”, na verdade, está integralmente ocupado por outras inúmeras formas de vida? E

isso pode ser feito retomando a contribuição de Rachel Carson, especialmente os seus textos que compõem a trilogia oceânica “Sob o mar-vento”, escrita em 1941, “O mar que nos cerca”, de 1951 e “Beira-Mar”, que encerra a trilogia em 1955.

É na obra “Beira Mar” que a autora traz uma importante reflexão quando se refere a uma caminhada noturna na beira-mar que termina com uma surpresa para ela, experiente pesquisadora: o encontro com um caranguejo-fantasma em meio à escuridão de uma exploração da praia no período noturno.

... surpreendi, com o facho de luz de minha lanterna, um pequeno caranguejo-fantasma (maria-farinha). Ele estava no interior de um pequeno fosso que fizera logo acima da zona da arrebentação (...). Já vira centenas de caranguejos-fantasmas em outros cenários, mas subitamente fui preenchida pela estranha sensação de, pela primeira vez, conhecer a criatura em seu próprio mundo – e de conseguir entender, como nunca antes, a essência de seu ser. Naquele momento o tempo ficou congelado; o mundo ao qual eu pertencia não existia, e eu poderia ser um alienígena vindo do espaço (CARSON, 2010b, p. 22-23)

A passagem de tamanho poder ilustrativo, demonstra um estranhamento característico da Cultura. A percepção da alteridade com o mundo natural, em que os demais organismos vivos e atuantes nesse ecossistema costeiro se fazem existir, provoca em Rachel Carson um efeito que, imediatamente, nos convida à reflexão.

O antropólogo Tim Ingold investe nessa discussão quando acredita em uma agência do ambiente a partir de “mundos sobrepostos”, o que explicita na seguinte passagem:

... no mundo dos materiais, os humanos figuram tanto no contexto das pedras quanto as pedras no contexto dos humanos. E esses contextos, longe de mentirem sobre os níveis díspares de existência, respectivamente, social e natural, são estabelecidos como regiões sobrepostas do mesmo mundo. Não é como se este mundo fosse um mundo de fisicalidade bruta, mera matéria, até que as pessoas aparecessem em cena para conferir-lhe forma e significado. As pedras tem histórias, forjadas nas contínuas relações com o entorno que podem ou não incluir seres humanos e muitas outras coisas (INGOLD, 2015, p. 67).

Estamos situados em historicidades em meio ao ambiente de forma contínua, visto que somos seres imersos nos fluxos dos materiais. O que ele sugere é a possibilidade de uma compreensão ecossistêmica do mundo, assim como da produção do conhecimento sobre ele, como diz Steil & Carvalho (2014). Sobre Tim Ingold:

Sua ênfase na agência do ambiente e da vida na produção do pensamento e da cultura parece propor uma nova forma de se fazer ciência e uma refundação não apenas das ciências humanas, mas também das ciências naturais e biológicas (STEIL & CARVALHO, 2014, p. 66).

Assim, Tim Ingold se aproxima de um pensamento que já percorria a obra de Rachel Carson, como podemos observar quando diz que “Os primórdios costumam ser obscuros; assim foi com os primeiros tempos do grande gerador da vida, o mar” (CARSON, 2010a, p. 28). Ainda: “A história tem fundamento no testemunho das mais antigas rochas da Terra que eram jovens quando a Terra era jovem” (CARSON, 2010a, p. 28).

A ideia de *um outro* tempo dos acontecimentos é premissa fundamental para a autora, que reconhece nas rochas uma temporalidade sobreposta a dos oceanos, da mesma forma que essas a dos humanos nesse mesmo ambiente. O reconhecimento que Steil & Carvalho (2014) fazem é fruto de um esforço epistemológico que fornece sentido às formas ecossistêmicas de interpretar o ambiente costeiro.

Além disso, tal conceito fornece sentido próprio à chegada de lama à beira-mar, como aponta Diogo Cabral quando diz que “O mundo não humano ‘fala’ simplesmente pelo seu movimento” (CABRAL, 2014, p. 29). O que o leva a postular como fonte histórica, justamente, esses “rastros de criatividade do mundo natural” (CABRAL, 2014, p. 30).

No último momento dessa proposição teórica, Carvalho (2002) nos auxilia para a tarefa interpretativa que envolve as narrativas coletadas. Situada no campo da Educação Ambiental, ela encaminha o posicionamento do educador

ambiental intérprete (CARVALHO, 2002), quando a postura investigativa desse converge à busca dos “sentidos do ambiental”. Em suas palavras:

Os sentidos produzidos por meio da linguagem são a condição de possibilidade do agir no mundo. Não há ação possível num vácuo de sentido. Toda ação decorre de certa compreensão/ interpretação, de algo que faz sentido num universo habitado por inúmeras chaves de sentido (CARVALHO, 2002, p. 31).

Assim, “compreender/interpretar” está como uma forma de ação no mundo, provocando o engajamento entre homem e ambiente (CARVALHO, 2002, p. 31). Carvalho (2002) trabalha com a busca de sentidos da ação humana na origem dos processos socioambientais, e suas pesquisas levam a seguinte condição epistemológica:

Ao evidenciar os sentidos culturais e políticos em ação nos processos de interação sociedade-natureza, o educador seria um intérprete das percepções – que também são, por sua vez, interpretações – sociais e históricas – mobilizadoras dos diversos interesses e intervenções humanas no meio ambiente (CARVALHO, 2002, p. 32)

A possibilidade de compreender como as distintas formas de interação dos sujeitos no ambiente reivindicam os sentidos ambientais de um determinado tempo e espaço é o argumento central de Carvalho (2002). Assim, ao analisar as narrativas sobre a lama, podemos identificar esses sentidos e suas representações que afetam os sujeitos e alcançam o “mundo sobreposto” descrito por Tim Ingold (2015, p.67).

UMA PROPOSTA METODOLÓGICA

A História Oral é a metodologia que possibilita a escuta dos atores sociais, e empreende a multiplicidade de pontos de vista que escampam à fonte impressa. No caso específico da questão da lama, a oralidade permite ir ao encontro não só de narrativas que contemplem a versão oficial/institucional, ou mesmo a científica, ela permite que outras esferas da sociedade possam apresentar

²Devidos as medidas de afastamento sanitário em 2021 as entrevistas foram realizadas através da plataforma Google Meet.

os seus argumentos e, sobretudo, suas representações e memórias sociais que possibilitam “uma nova inteligibilidade do passado recente” (CASSAB; RUSCHEINSKY, 2004, p. 12).

Assim, foram realizadas sete entrevistas² de caráter semiestruturado que contemplam diferentes perspectivas históricas acerca da questão da lama na praia. Todos os sujeitos ouvidos estão diretamente ligados ao tema. Estes foram selecionados por um princípio de intencionalidade de pesquisa proposto por Michel Thiollent (2011) quando o autor propõe que os atores devem ser escolhidos por “sua representatividade social dentro da situação considerada” (THIOLLENT, 2011, p. 71). Nessa mesma linha Alberti (1989) aponta sobre o uso da História Oral:

(...) um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma

de se aproximar do objeto de estudo. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, etc.

(ALBERTI, 1989, p. 52)

Efetivamente o grupo de narradores desse trabalho é composto por integrantes do poder público (2); Cientistas que desenvolvem pesquisas sobre o tema da lama (3); sociedade civil organizada/ambientalista (2). Todos eles, em comum, possuem o fato de serem usuários dessa praia como moradores do local, bem como sujeitos com algum tipo de agência pública no território até o presente momento.

HISTÓRIAS DA LAMA

A década de 1950 marca a primeira lembrança desse sedimento para um dos narradores:

... eu era jovem de 8, 9 de idade, talvez 10, e eu ia aos



Figura 3. Imagens do sedimento lamítico na praia do Cassino 1998-2018. Fonte: Montagem dos autores

³De forma a preservar as identidades serão utilizadas apenas as iniciais dos narradores ao longo do texto.

domingos à tarde com meu pai de carro pra ir tomar café, chá no El Aduar, e muitas vezes nós tínhamos que desviar do Barro. Já existia barro naquela época. E muitas vezes nós via pescador atolado (R.A³., 16 DE JANEIRO DE 2020).

A lembrança de R.A., gestor público e morador do balneário, começa com o que seria um típico domingo na praia, quando sua família se deslocava pelo litoral pela faixa de areia que, no Cassino, desde a década de 1920 serve de pista de rodagem para o trânsito de veículos. O destino era o hotel que esteve em atividade entre os 1952 e 1956, criado junto às dunas, a poucos metros da linha de banhos.

Nesse trajeto seria necessário “desviar do barro” (Figura 3), que já estava presente na paisagem, como intempérie que poderia ser encontrada no percurso. Caso não tivessem atenção, o destino poderia ser o mesmo dos pescadores da época que acabavam atolando na praia.

Em suas memórias o evento era encarado como “natural”, o que exigia apenas algum grau de cuidado e adaptação. Porém, isso teria mudado em 1998, quando “... desta feita o volume de barro num trecho da área mais nobre de banho, causou esse frenesi. Todo mundo enlouqueceu” (R.A. 16 DE JANEIRO DE 2020).

Ambientalista e morador da praia, R.C. aponta para o mesmo caminho descrito por R.A. quanto a representação da presença de lama na orla durante na praia durante a década de 1960: “... a gente começou a notar que era um fenômeno que estava acontecendo, era de menores proporções, ainda era uma coisa natural, eu me lembro de quando eu era criança... me lembro de levar bola de lama pra brincar, pra fazer escultura (R.C., 28 DE JULHO, 2020). A ludicidade proporcionada pela lama atravessa as lembranças mais pretéritas do narrador em relação ao barro presente na praia, sendo esse o mesmo sujeito que, anos depois, faria desse tema uma pauta frequente junto à organização não-governamental que lidera desde a década de 1980.

Já para L.C. pesquisador que dedicou parte de sua trajetória acadêmica ao tema da lama na costa do Rio Grande do Sul, assim como para C.G., outro investigador da áreas da ciências naturais que

se debruça sobre o assunto, o encontro com fenômeno ocorreu na esfera da Ciência. Em suas palavras:

... na verdade, essa história da lama pode ter começado em 65, quando o Delaney, dos EUA, fez um trabalho e falou da lama, a partir daí teve um trabalho sério do Villwock e Martins (1970) e eles atribuíam como a causa completamente natural. E eu como aluno deles eu fui imbuído por essa, na época, verdade que o processo era exclusivamente natural. (L.C. 13 DE AGOSTO DE 2020).

Por sua vez, C.G. aponta:

Eu residi em Rio Grande, mais especificamente no Balneário Cassino, desde março de 1979 até 2014. Na primeira vez que presenciei depósitos de lama na praia do Cassino, entendi como decorrência de um processo natural (...) Na época me lembro de ter obtido informações de que os depósitos de lama não continham substâncias danosas ao ser humano e organismos marinhos e não me preocupei muito com os depósitos da lama do Cassino. (C.G. 31 DE AGOSTO DE 2020).

Nesses dois casos, ambos eram estudantes recém chegados à cidade, acompanhando pesquisas que já problematizam sedimentos litorâneos desde a década de 1960. Cabe destacar que, em 1972, a lama na praia do Cassino ganhará seu primeiro registro científico com a publicação do artigo Depósitos lamíticos de pós-praia (VILLWOCK & MARTINS, 1972), que argumenta sobre a origem natural do fenômeno.

H.S. é gestor, ambientalista e surfista dessa praia desde a década de 1980, também estabelece esses eventos de lama como parte do imaginário local:

Eu tô com 49 anos, sou de Rio Grande, Cassineiro raiz. E desde os oito anos de idade eu surfo, e desde os 13 anos eu tenho ideia da existência da de lama. Só que as quantidades não eram como vem sendo nos últimos anos. Então, a gente escutava muito falar, que tinha períodos de lama. (H.S., 05 DE AGOSTO DE 2020).

A presença lamítica como parte da paisagem da praia do Cassino, que integra as

engrenagens da natureza costeira em suas dinâmicas próprias, ganha novos contornos. Aos “períodos de lama” antigos que já se ouvia falar, H.S. acrescenta a sensação de, atualmente, essas cargas sedimentares serem mais significativas, e isso estaria acontecendo “... desde 1998” (H.S. 05 DE AGOSTO DE 2020).

É no ano de 1998 que os narradores dessa história irão substituir a certeza do fenômeno natural, para a dúvida de sua origem cultural através das operações de dragagem realizadas pela unidade portuária da cidade. E as pistas dessa situação já estão presentes em trechos anteriormente apresentados, como é o caso da expressão “... ainda era uma coisa natural” usada por R.C., ou então quando L.C. argumenta que estava imbuído de um entendimento “exclusivamente natural”.

O que ocorreu foi a chegada de alta carga sedimentar durante o ano de 1998 na beira da praia do Cassino. Simultaneamente ocorria uma dragagem no canal de acesso ao porto do Rio Grande, o que logo projetou uma associação entre a lama retirada do canal com os sedimentos encontrados no litoral.

Manifestações recorrentes na imprensa periódica local, acionamento do Ministério Público, pressão na gestão pública municipal, eventos científicos sobre o assunto ocorrem na universidade federal da cidade. A significativa ocorrência no ano de 1998, que recobriu mais de 11 km de praia, se torna o momento de emergência da lama como uma questão ambiental, produzindo um conjunto de significações socialmente instituídas (GONÇALVES, 2012, p. 44) que inserem o sedimento na agenda histórica dessa praia.

Versões entram em cena, e a cidade se mobiliza ao redor de uma dúvida central: a lama não seria decorrente da dragagem? Os próprios narradores possibilitam perceber o alcance desse momento:

Foi um dos maiores impactos da praia do Cassino em matéria de lama, foi uma época que impactou praticamente quase 11km de praia, os jamais locais falaram disso, a preocupação a turismo, a parte do próprio balneário em si como ia poder fazer pra fazer o veraneio. Foi uma coisa muito comentada na época. (H.S., 05 DE AGOSTO DE 2020).

Em 1998, na condição de reitor da FURG, realizamos a primeira discussão pública sobre os depósitos de lama e sua origem, com a participação de pesquisadores de distintas instituições, onde se firmou a crença de que o processo era natural. (C.G., 31 DE AGOSTO DE 2021).

Nesse contexto novas investigações foram feitas, datas de eventos semelhantes foram recuperadas em possíveis intersecções com as dragagens, um encontro de pesquisadores do tema ocorre, e o suposto primeiro registro documentado em 1901 pela imprensa é encontrado (CALLIRI & GRIEP, 1999). E a conclusão chegada em 1998 está presente na fala de C.G.: a comunidade científica legitimou a condição de fenômeno natural da lama a presença de lama na praia. Tal premissa, inclusive, é acatada pelo Ministério Público, encerrando o processo em andamento com tal resposta.

O pesquisador G.G. argumenta sobre esse ponto de vista consensual no período:

Era uma posição unânime, como nós tínhamos tido um fenômeno muito forte do El Niño que tinha produzido um volume de chuvas enormes, tivemos algumas inundações em Rio Grade como não tinha há muito tempo. (G.G., 04 DE SETEMBRO DE 2020).

A explicação científica girava em torno dos fenômenos climáticos que tornavam possíveis as altas cargas de energia no oceano, que por sua vez empurrariam o sedimento já existente em bolsões naturais dado a morfologia dessa porção da costa. Destacamos ainda que, o El Niño torna-se a variável histórico-natural estabelecida pelo grupo de pesquisadores, tornando-se o fato em que “toda ação acontece” (INGOLD, 2015, p. 201).

Antes dessa decisão, porém, a lama foi motivo de diversas tentativas de apropriação social em 1998. Um grupo de professores tentou transformar o material em telhas de barro, outro grupo em estátuas, enquanto o poder público retirava o sedimento da praia e utilizava o mesmo para a tapagem de buracos nas vias públicas do balneário.

Com isso, o sedimento expandia-se da área de banhos para a área residencial dos sujeitos,

integrando-se ao imaginário por diferentes meios. A transformação da lama em questão ambiental encontra nessa data um marco, quando a população buscou uma resposta que pusesse fim às suas dúvidas.

A resposta aconteceu, mas ela perdurou apenas por um tempo. Ao longo dos próximos anos outros eventos de lama seguiram ocorrendo, e se fazendo presente na área de banhos, fazendo com que a comunidade convivesse com a lama até que, pela movimentação das marés, o sedimento fosse “recolhido” – o que dura, em média, de dois a três meses.

Quanto aos impactos da interdição da praia, esses passam, primeiro, por uma situação singular que ocorre na praia do Cassino: a presença de carros na faixa de área de forma paralela ao mar. H.I., gestor público da cidade, expõe essa situação:

Do jeito que aproveitamos a praia hoje, a questão da praia pra muitos é importante, pra uns é importante colocar o seu carro no meio dos outros carros, ligar o som (...). Virou uma extensão da cidade (...) Anos atrás tentamos tirar os carros da praia, fizemos uma alauza e não deu. (H.I., 08 DE OUTUBRO DE 2020).

A praia praticada historicamente fica ameaçada pela lama, essa é a questão central que chama a atenção. A paisagem está transformada, ao mesmo tempo, o uso dela está impossibilitado pelo tipo de experiência vivenciada por aqueles que procuram a praia do Cassino e, fundamentalmente, àqueles que vivem nela.

O perigo de vida é comentado por L.C. , e reforçado pelo caso relatado por H.S.:

Eu cai de stand up. E a minha sorte foi que ao cair eu consegui ficar preso com o lash com tudo, e tentava ficar remando sem deslocar. Só que eu achei que já tinha pé quando cheguei próximo na beira do mar e desci da prancha. E quando desci ei fiquei preso na lama, meu pé ficou preso. Eu não conseguia me mexer. E as ondas vinham e me tapavam com aquele lamoso. Aquilo gruda na pele. Eu tava começando a ficar com dificuldade de respirar quando eu entrei em pânico. (H.S., 05 DE AGOSTO DE 2020).

Quanto a vida orgânica afetada na área, G.G. argumenta:

Efetivamente o depósito gera um impacto negativo, do ponto de vista do ambiente eles são tênues. Porque eles são tênues?

Óbvio né, porque a área onde o fenômeno ocorre é a área justamente em que o impacto das ações humanas sobre ela já fez todo o estrago que tinha que fazer. Então vamos dizer, os mariscos desapareceram na praia... matou por causa de que, foi por causa da lama que fez desaparecer o marisco?

(G.G., 04 DE SETEMBRO DE 2020).

O que esse narrador expõe é a contradição já apontada por H.I., e mesmo por C.G. quando sugere que deveria “...haver outras iniciativas da sociedade civil, tais como um movimento para a total retirada de carros da praia durante o veraneio.” (C.G. 31 DE AGOSTO DE 2020).

Em si não foram encontrados, até hoje, sedimentos com contaminante nocivos aos humanos. Por sua vez, é sabido que a sua chegada impacta o ecossistema à medida em que o cheiro que exala na praia significa a presença de mariscos, siris, carangueijos e caramujos que acabam soterrados pela lama, porém não seria essa uma carga sedimentar não causaria capaz de causar o desequilíbrio ecossistêmico do litoral sul.

Dessa forma, o barro presente na praia se torna parte da paisagem que integra o calendário natural de eventos dessa costa. Tal situação irá se modificar mais uma vez, agora em 2014, ano que marca a escrita de uma nova página na história da lama no Cassino.

Após outro evento de barro na praia, um grupo de surfistas passa a articular uma série de manifestações cobrando explicações sobre a origem da lama. É nesse momento que surge o SOS Cassino, grupo que organizou em maio de 2014 uma “remada” que reuniu mais de 80 manifestantes na praia, e cuja pauta do movimento consistia, como informa o jornal da época, no “fim das dúvidas” e “dragagem descartada em terra”⁴.

Um dos idealizadores desse grupo, H.S. diz que no “... final de 2013 nós já estávamos preocupados em função da situação de dragagem. Estava uma discussão muito grande a nível de se

⁴JORNAL AGORA, 11 de maio de 2015.

afetaria ou não afetaria” (H.S., 05 DE AGOSTO DE 2020). Em seguida:

... a gente marcou uma reunião, algo tava errado, não podia acontecer. E conversando com mais outros amigos, advogados.... surfistas...empresários... se formou um grupo. A ideia original foi de outro amigo meu, colega, advogado, de buscar uma solução. E cara, nós temos que fazer alguma coisa, o Cassino tá pedido socorro. (H.S., 05 DE AGOSTO DE 2020).

Encontros e ações se sucederam, fazendo com o que o SOS Cassino se transformasse no primeiro movimento da sociedade civil organizada criado, justamente, por conta dos eventos de lama e seus impactos na praia. Com o intuito de se aprofundar científica e juridicamente no tema, o SOS Cassino passa a ser presença em audiências públicas, eventos e no próprio debate acadêmico quando passa a contestar antigos posicionamentos da comunidade de pesquisadores.

Adesivos, camisetas e publicações online passaram a fazer parte das ações de divulgação do movimento, ao mesmo tempo em que pressionavam o poder público juridicamente quanto às possíveis consequências da dragagem. A essa altura, o posicionamento do SOS Cassino é consolidado acerca da relação dragagem/lama na praia, o que é acompanhado por L.C. em seus novos posicionamentos científicos a partir dos anos 2000.

Em suas palavras:

Em 2000 publicamos um paper. Ele é um marco porque ali foi o primeiro sinal... olha só, ele foi publicado em 2000, mas ele é relativo ao impacto de 1998, eu tinha... nesse... eu tinha defendido em 98, o fenômeno, como completamente natural.

Em 2000 eu já estava em dúvida, comecei a checar os registros de dragagem, eu já estava em dúvida (L.C., 13 DE AGOSTO DE 2020).

Essa mudança de postura reconhecida publicamente incide sobre um debate histórico. A dúvida posta pelo grupo está lastreada nesse novo arranjo científico que passa a ser organizado por L.C., o que dá sentido ao enfrentamento inédito em curso. Por sua vez, é com ressalvas que G.G. percebe a presença do SOS Cassino, primeiro uma iniciativa “festejada”, mas logo compreende que o

“catastrofismo” ambiental escolhido pelo grupo para tratar do tema seria um caminho equivocado, assim como a posição pragmática acerca da relação dragagem e lama. (G.G., 04 DE SETEMBRO DE 2020).

Tal ponto de vista é compartilhado por C.G., que diz:

Essa é ainda uma questão em aberto. Os experimentos realizados até o momento não confirmaram a relação dragagem/lama na praia, embora haja indícios de tal contribuição. A variabilidade dos altos volumes de bolsões de lama ao longo do período de dragagem não pode ser explicada somente pela dragagem. Há uma contribuição natural, difícil de ser aferida, que indica a necessidade de se continuar com a investigação. (C.G., 31 DE AGOSTO DE 2021).

Compreendendo que os primeiros dados de monitoramento voltados a essa questão passaram a ser processados somente em 2018 (FERREIRA, 2021, p. 177), C.G. expõe ser essa uma questão em aberto, embora certo grau de contribuição sedimentar da operação de dragagem possa chegar até a antepraia e região de estirâncio. Estudos precisam ser feitos ainda, segundo o narrador, para que se possa chegar até algum tipo de conclusão sobre as origens do sedimento.

Após 2014 o SOS Cassino continuou ativo, mas com menor intensidade no debate público haja visto a ausência de novos processos lamíticos até 2018, quando ocorreu o último evento registrado. Já bastante fragmentado nesse momento, o grupo acabou dando origem a outros coletivos através de ex-integrantes, os quais permanecem com a mesma pauta resolutiva que perdura até os dias de hoje acerca das origens do fenômeno.

UMA HISTÓRIA DE SOBREPOSIÇÕES

Desde 1901 registros sobre lama na beira da praia do Cassino são encontrados, o que permite sugerir uma convivência histórica dos sujeitos com essa dinâmica oceânica. E para interpretar essa relação recorreremos ao pensamento de Tim Ingold (2015) quando diz:

Ao invés de se contraporem, mar e terra, juntamente com o litoral, que marca o seu diálogo perpétuo, parecem estar envolvidos na esfera mais ampla das forças e relações que compõem o

mundo-tempo, juntamente subsumidos sob a grande cúpula do céu (INGOLD, 2015, p. 201).

A observação do sistema integrado mar e terra, ecossistêmico em sua origem mais profunda, é o acontecimento do qual estamos diante ao presenciar a lama na praia – que um dia talvez já causou aos sujeitos tanto estranhamento quanto àquele relatado por Carson (2010b) em suas caminhadas pela beira-mar. Após décadas e mais décadas de invenção da praia moderna, as permanências dessa criação ainda circulam pela comunidade, que também precisa lidar, como estamos acompanhando, com as suas rupturas.

Ainda, existe um apontamento importante na fala de Ingold (2015) quando atribui sentido ao que conceberia como “Litoral”. Ele é o mediador, justamente, da relação entre Natureza e Cultura, e é nele que está inscrito um “mundo-tempo” singular, a qual está exposta à céu aberto.

Dessa forma, o que está em disputa é a praia, e a apreensão das diferentes versões sobre a origem da lama nos mostram é precisamente isso. O surgimento do SOS Cassino, por exemplo, é o resultado de tensosamento por essas versões, o que representa um esgotamento comunitário acerca das explicações até então oferecidas.

Quando retomamos a nossa questão-chave exposta no início do texto, compreendemos que o transtorno causado à experiência daquela praia inventada por Corbin (1989) é o motor dessa relação conflituosa. Por sua vez, entendemos que a imagem que iniciou o nosso debate pode sintetizar, na verdade, esse caráter de adaptação constante ao litoral pelos sujeitos, que possivelmente encontram justificativas para conviver, durante um dia de calor, com a paisagem lamítica e seus impactos correlatos. Afinal, sedimento também faz parte da “nossa praia”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A provocação gerada no evento da Braspor em 2022 motivou a retomada das entrevistas com os sete narradores que compuseram a tese sobre esse mesmo tema. E isso se deu como uma forma de aprofundamento daquelas falas, que continuam proporcionando formas de observar e problematizar esse litoral e suas renovadas invenções de praia.

Por fim, interpretar os fenômenos ambientais a partir da memória da comunidade sugere, enfim, uma reinterpretação do fenômeno em si, sublinhando a relação da natureza com a cultura e evidenciando os impactos objetivos e subjetivos do evento que são capazes de reconfigurar tanto a experiência, quanto as responsabilidades que orientam os modos de vida no meio.

ENTREVISTAS

R.A., 16 de janeiro de 2020; R.C., 28 de julho de 2020; H.S., 05 de agosto de 2020; L.C., 13 de agosto de 2020; G.G., 04 de setembro de 2020; C.G., 10 de setembro de 2020; H.I., 08 de outubro de 2020

REFERÊNCIAS BOBLOGRÁFICAS

- ALBERTI, V. 1989. História oral: a experiência do CPDOC. 189p. 1ª ed. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- CABRAL, D. 2014. Na presença da floresta – Mata Atlântica e história colonial. 533p, Garamond Universitária, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- CALLIARI, L; GRIEP, M.F. 1999. Uma análise histórica dos efeitos produzidos por modificações antrópicas no estuário da lagoa dos patos - natural versus provocado. In: FLORES, F.F (Ed.). Por uma História multidisciplinar do Rio Grande. Rio Grande, Edigraf. pp. 97-105. Edigraf, Rio Grande, RS, Brasil.
- CARSON, R. 2010. O mar que nos cerca. 254p. 1ª ed. Gaia, São Paulo, SP, Brasil.
- CARSON, R. 2010b. Beira Mar. 259P. 1ª ed. Gaia, São Paulo, SP, Brasil.
- CARVALHO, I.C.M. 2002. A invenção ecológica – narrativas e trajetórias da Educação Ambiental no Brasil. 1ª ed. 230p. Editora da Universidade, Porto Alegre, RS, Brasil.
- CASSAB, L.A; RUSCHEINSKY, A. 2004. Indivíduo e Ambiente: a metodologia de pesquisa da história oral. Indivíduo e ambiente: a metodologia de pesquisa da história oral. Revista BIBLOS, Vol. 16. (Disponível em <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/125>)
- CORBIN, A. 1989. O território do vazio – a praia e

o imaginário ocidental. 1ª ed. 385p. Companhia das Letras, São Paulo, SP, Brasil.

FERREIRA, F. 2021. Mar e Terra - Aportes para a interpretação de fenômenos costeiros no campo da educação ambiental: o caso dos eventos de lama na praia do Cassino (Rio Grande/RS). Tese de doutoramento, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, RS, Brasil, 278.

GONÇALVES, C.W.P. 2012. O desafio ambiental. 177p. Record, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

INGOLD, T. 2015. Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. 390p. Vozes, Petrópolis, RJ, Brasil.

STEIL, C.; CARVALHO, I. C. M. 2014. Epistemologias ecológicas – delimitando um conceito. In: Mana, Vol. 20, n. 1, pp. 163-183.

THIOLLENT, M. 2011. Metodologia da pesquisa-ação. 108p. 18ª ed. Cortez, São Paulo, SP, Brasil.

VILLWOCK, J.A. & MARTINS, L.R. 1972. Depósitos lamíticos de pós-praia, Cassino – RS. Pesquisas e Geociências. Porto Alegre, Vol. 1, maio: 69-85.

